

O CEGeT E A GEOGRAFIA DO TRABALHO

Antonio Thomaz Junior¹

Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia

Presidente Prudente, São Paulo

E-mail: thomazjr@gmail.com

Resumo

Nascido no ambiente de renovação crítica da Geografia brasileira, há quase 23 anos, o Grupo de Estudos "Centro de Estudos de Geografia do Trabalho" (CEGeT) vem buscando empreender leitura geográfica que tem, no trabalho, a categoria fundante do entendimento da sociedade, com foco nos sujeitos, nos conflitos territoriais e nas formas de organização, resistência e emancipação da classe trabalhadora, no campo e na cidade. O presente artigo se propõe realizar um breve resgate da história do CEGeT e indicar algumas dentre suas principais contribuições para a Geografia brasileira e os estudos do trabalho, de maneira geral.

Palavras-chave: Geografia. Trabalho. Geografia do Trabalho. Luta de Classes. Conflitos Territoriais. CEGeT. Resistência e Emancipação.

THE CEGeT AND THE WORK GEOGRAPHY

Abstract

Emerging from the critical renewal movement of Brazilian Geography, for almost 23 years the Center for Studies in Geography of Labor (CEGeT) has been seeking to undertake a geographical reading that has in the work the founding category of understanding of society, focusing on subjects, territorial conflicts and forms of organization and resistance of the working class, in the countryside and in the city. The present article proposes to make a brief rescue of the history of the group and to indicate some of its main contributions to the Brazilian Geography and the studies of the work, in general way.

Keywords: Geography. Labor. Geography of Labor. CEGeT.

¹ Professor Titular de Geografia do Trabalho; Docente do Departamento de Geografia da FCT/UNESP/Presidente Prudente; Membro dos Programas de Pós-Graduação em Geografia (FCT/UNESP/Presidente Prudente), Mestrado Profissional/FCT/UNESP) e Mestrado em Desenvolvimento Territorial Rural/IPPRI/UNESP/ENFF; Pesquisador PQ-1/CNPq; Coordenador do Grupo de Pesquisa "Centro de Estudos de Geografia do Trabalho" (CEGeT) e do Coletivo CETAS de Pesquisadores (Centro de Estudos do Trabalho, Ambiente e Saúde).

EL CEGeT Y LA GEOGRAFÍA DEL TRABAJO

Resumen El Centro de Estudios de Geografía del Trabajo (CEGeT) viene buscando emprender una lectura geográfica que tiene en el trabajo la categoría fundante del entendimiento de la sociedad, con foco en los sujetos, en los conflictos territoriales y formas de organización y resistencia de la clase obrera, en el campo y en la ciudad. El presente artículo se propone realizar un breve rescate de la historia del grupo e indicar algunas de sus principales contribuciones a la Geografía brasileña y los estudios del trabajo, de manera general.

Palabras clave: Geografía. Trabajar. Geografía del Trabajo. CEGeT.

A construção do CEGeT e da Rede CEGeT de Pesquisadores (RCP)

A preocupação com o trabalho, enquanto tema central e não simples fator econômico, ganhou força na Geografia brasileira, a partir da década de 1980, no bojo do amplo movimento de renovação e da emergência da vertente que ficou conhecida como *Geografia radical* ou *crítica*, fruto do encontro entre a Geografia e o marxismo, ocorrido pouco antes, na Europa e nos EUA (QUAINI, 1979; MOREIRA, 2004).

Por sua vez, o Centro de Estudos de Geografia do Trabalho (CEGeT), criado em maio de 1996 e sediado na Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP - Campus de Presidente Prudente (SP), tem na sua raiz fundante na formulação de conhecimento crítico encimado no objetivo central da negação do trabalho e na emancipação de classe, muito embora pesquisadores de outras instituições, a exemplo de Ruy Moreira (2002), também tenham contribuído com essa empreitada.

Efetivamente, o pontapé inicial para a construção do CEGeT, enquanto Grupo de Pesquisa, se dá com base nos resultados da tese de Doutorado em Geografia Humana do Prof. Dr. Antonio Thomaz Junior², defendida em maio de 1996, junto à Universidade de São Paulo (USP). É a partir daí que o trabalho passa a se inserir de forma direta nos espaços de discussão da Geografia, fortalecendo-se enquanto categoria central para entender a dimensão espacial da sociedade, os conflitos territoriais e formas de exploração/subordinação/controle e organização do trabalho, e da classe trabalhadora. A Geografia do Trabalho passa, assim, a nos oferecer orientação epistemológica para desenvolver pesquisas e disponibilizar intervenções políticas junto à sociedade.

² Por trás dos canais os nós da Cana. 1996. Tese (Doutorado) – PPGGH/FFLCH/USP, São Paulo, 1996.

Não obstante, o CEGeT se constrói sob o desafio principal de empreender leitura geográfica do trabalho, enquanto categoria fundante do entendimento da sociedade e, sob esse aspecto, segue único. Mormente, há diferenças significativas e marcantes, já que o mesmo processo aconteceu paralelamente, em outros países, com destaque para a emergência da *Labour Geography*, no mundo anglo-saxônico (HEROD, 2013).

O CEGeT completará 23 anos de existência e, desde sua formação e credenciamento junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), o grupo vem aglutinando pesquisadores e pesquisadoras de diversos níveis, trajetórias e formações, assim como demarcando sua importância na construção do Pensamento Geográfico brasileiro, por meio das diversas pesquisas protagonizadas por seus membros. Ao longo do tempo, o CEGeT tem servido como suporte para a elaboração de inúmeras monografias, dissertações de mestrado, teses de doutorado e pesquisas em nível de pós-doutorado, voltadas para o desvendamento de aspectos específicos do mundo do trabalho, por meio do repertório conceitual próprio da Geografia, com as atenções para as contradições expressas na dinâmica territorial do trabalho.

Mas não é somente isso. Vimos expandindo nossas formas de atuação, tanto em termos quantitativos quanto qualitativos. Prova disso é que hoje nos organizamos enquanto Rede CEGeT de Pesquisadores (RCP), proposta surgida da necessidade de criar uma rede de Grupos de Pesquisa, as quais se debruçam sobre as discussões do mundo do trabalho, no âmbito da Geografia brasileira, aglutinando os pesquisadores formados no âmbito do CEGeT e que foram se espalhando por diversas instituições públicas de ensino. Ou seja, os grupos parceiros foram se formando ao longo dessas mais de duas décadas, em concomitância com o processo de formação acadêmica dos pesquisadores do CEGeT, em nível de Pós-Graduação (especialmente Doutorado), os quais assumiram cargos e construíram carreiras em várias Universidades e demais instituições.

Nesse ínterim, papel fundamental cumpriram as Jornadas do Trabalho (JT). Evento itinerante, que terá sua vigésima edição em 2019, em Presidente Prudente, a JT foi sempre um espaço privilegiado de reunião dos integrantes da RCP, solidificando os vínculos entre os pesquisadores e ajudando a levar nossas discussões aos mais diversos lugares e instituições, contando sempre com a adesão e o apoio das entidades representativas do(a)s trabalhadore(a)s, dos movimentos sociais e instituições públicas de

Fomento (CNPq, CAPES, FAPESP), Programas de Pós-Graduação em Geografia, dentre outros.

Os esforços para criar, fortalecer e consolidar a RCP exigiram e continuam a exigir a busca permanente de recursos, através de projetos de pesquisa, submetidos à apreciação dos órgãos de fomento (CNPq e Fundações Estaduais: FAPESP, dentre outras), e instituições públicas que têm nos apoiado, tais como o Ministério Público do Trabalho (MPT) e o Centro de Referência de Saúde do Trabalhador (CEREST). Isso é o que nos tem fortalecido e, ao mesmo tempo, possibilitado desenvolver as pesquisas e socializar os resultados alcançados.

Nem sempre isso é possível, contudo, essa tem sido a tônica das nossas ações, as quais não se restringem somente aos "ex-orientandos", mas se estendem a companheiros de vida e da militância política que também se propõem a contribuir com essa ideia, como é o caso dos Projetos Casadinhos, concretizados com as Universidades Federais (UFPB e UFS) e entidades representativas dos trabalhadores e dos movimentos sociais.

O Projeto "Migração do Trabalho para o capital agroindustrial canavieiro no Pontal do Paranapanema (SP)"³ e o aporte via Apoio Técnico⁴, juntamente com o Projeto PQ-1/CNPq⁵, foram cruciais para a consolidação da Rede CEGeT de Pesquisadores (RCP), pois garantiram a presença e a atuação, na Universidade, em pleno engajamento. Como sabemos, as universidades públicas não despendem recursos para Projetos de Pesquisa, ao menos a UNESP não o faz há décadas, restando-nos buscar apoios junto às agências de fomento.

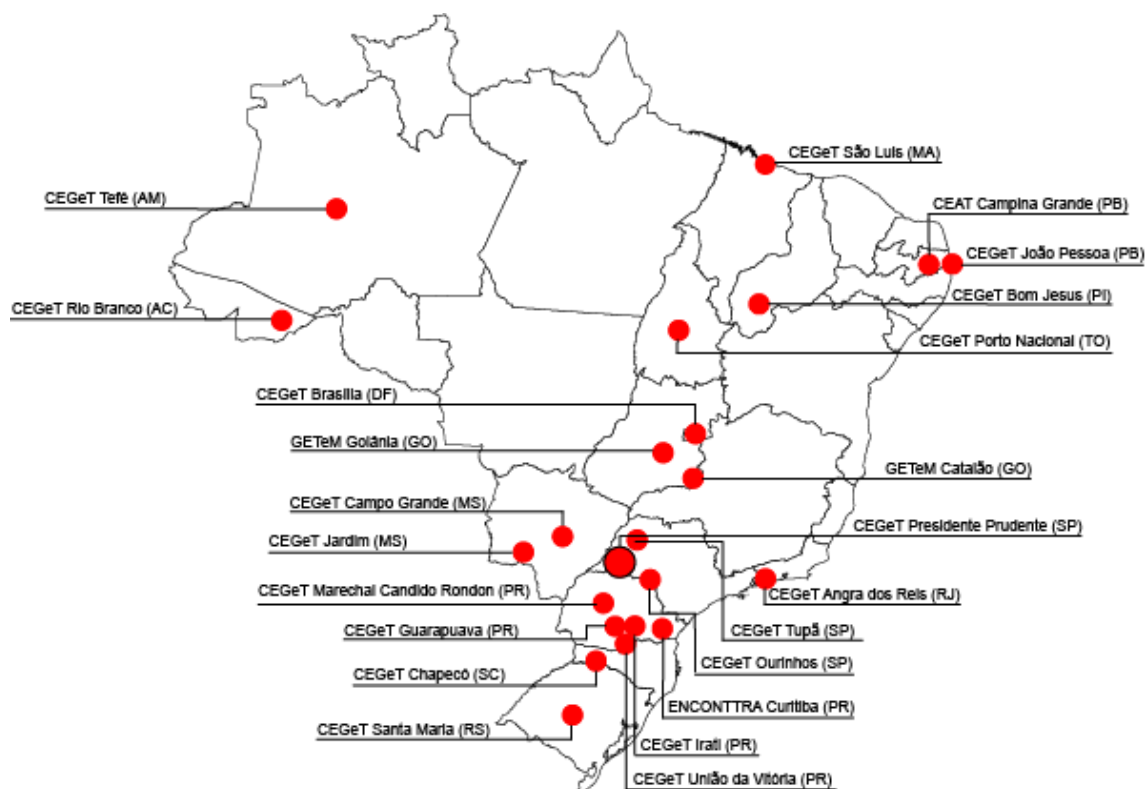
Temos conseguido expandir a RCP para praticamente todos os biomas do Brasil. Atualmente, estamos situados em 17 estados, 22 Universidades e 3 Institutos Federais de Educação, Ciência Tecnologia (Figura 1), levando adiante o trabalho de pesquisa, orientação (Iniciação Científica, Extensão e, em alguns casos, Mestrado e Doutorado) e formação continuada (Quadro 1). Importante destacar que apenas no CEGeT/Presidente Prudente já foram defendidas mais de 50 dissertações e 30 teses de doutorado, estando atualmente em consecução 32 projetos de pesquisa (mestrado e doutorado) (Quadro 1).

³ Vigência: 01/08/2010 a 01/08/2012; Agência de Fomento: CNPq/IC.

⁴ Vigência: agosto de 2010 a julho de 2012; Agência de fomento: CNPq/AT-NS.

⁵ Vigência: março de 2009 a fevereiro de 2012.

Figura 1. Espacialização da Rede CEGeT de Pesquisadores (2019)



Fonte: Arquivo do CEGeT, 2019.
Org.: Diógenes Rabello, 2019.

Quadro 1. Estudantes formados e em formação pelo CEGeT - Presidente Prudente

ORIENTADOR	NÍVEL	ORIENTAÇÕES CONCLUÍDAS	ORIENTAÇÕES EM ANDAMENTO
Antonio Thomaz Jr.	<i>Graduação</i>	30	4
	<i>Mestrado</i>	33	6
	<i>Doutorado</i>	26	4
	<i>Pós-Doutorado</i>	4	7
Carlos Alberto Feliciano	<i>Graduação</i>	11	7
	<i>Mestrado</i>	7	3
	<i>Doutorado</i>	-	8

Marcelo Dornelis Carvalho	<i>Graduação</i>	30	1
	<i>Mestrado</i>	12	3
	<i>Doutorado</i>	5	2
Ricardo Pires de Paula	<i>Graduação</i>	5	-
	<i>Mestrado</i>	3	5
	<i>Doutorado</i>	-	1
TOTAIS	Graduação	76	12
	Mestrado	55	17
	Doutorado	31	15
	Pós-Doutorado	4	7
		165	51

Fonte: Arquivo do CEGeT, 2019.

Org.: Diógenes Rabello, 2019.

Dizer que estamos em todos os biomas significa reafirmar nossos compromissos com as explicações geográficas, ter mais cuidado com as ferramentas de trabalho, com as categorias, com as correlações necessárias entre circulação atmosférica, condições edafoclimáticas, processo social de trabalho, formação espacial, disputas territoriais, mobilidade dos trabalhadores, enfim, com as novas configurações que o Estado e o capital transformam em “bola da vez”, como é o caso do MATOPIBA, ao qual também estamos nos dedicando, com os povos originários e tradicionais, o(a)s trabalhadore(a)s, o(a)s camponese(a)s da Mata Atlântica, do Cerrado, do Agreste, do Sertão, da Caatinga, os desafios impostos aos trabalhadores pelo viver nos Pampas ou na Amazônia.

A Figura 1 atesta o que estamos nos esforçando para mostrar. Tem-se uma verdadeira malha de relações, a qual se multiplica sem que tenhamos controle sobre sua real dimensão, a cada momento, ao ganhar novos adeptos, jovens que se interessam em inserir-se nas atividades programadas dos nossos Núcleos, que, afinal, têm opções nem sempre coincidentes com os demais, no que se refere aos assuntos estudados, aos eixos teóricos prioritários, às inserções junto às comunidades diretamente envolvidas nas pesquisas, aos perfis e objetivos das discussões internas de cada um deles. Apesar do fato de a temática do trabalho nos integrar, e questões como a centralidade do trabalho, as lutas emancipatórias, as categorias básicas da Geografia serem tratadas de forma muito próxima,

mantemos nossas diferenças, que, afinal, são muito ricas e de certa maneira se complementam, mas também se contrarrestam, a depender das situações específicas.

Contribuições teórico-metodológicas da Geografia do Trabalho para a Geografia e os estudos do trabalho

Algumas perguntas e questionamentos trocados entre nós são estimulantes para repensarmos nossas práticas, ou as consequências das faltas, dos excessos etc. O entendimento de que a pesquisa se destina à produção bibliográfica não está integralmente equivocado. Não obstante, para nós, falta-lhe o essencial: pesquisar o quê, para quê, para quem? Isto é, o que se pretende com nossas ações de pesquisa? Além das respostas a que as indagações nos estimulam, fica uma questão de fundo: o propósito de fazer pesquisa também não se vincula a formar pesquisadores?

Não resta dúvida de que formar pesquisadores comprometidos com as transformações necessárias do quadro de exclusão social vigente tem que ser um dos principais objetivos dos pesquisadores formadores de pesquisadores. O efeito multiplicador dependerá de muitos fatores, mas o gérmen conceutivo começa aí.

Há assuntos, todavia, que catalisam escolhas dos diversos núcleos constitutivos.

A título de exemplo, luta pelo acesso à terra e à água, autonomia das comunidades originárias, agroecologia, gênero e movimentos sociais, crise do capital global e crescimento dos investimentos públicos, mercantilização e privatização da natureza (terra, água, minérios, créditos de carbono), processos combinados de precarização e degradação do trabalho, sempre pautados pela insistência na compreensão da organicidade, das fissuras, das potencialidades e das frustrações dos “projetos” sindicais e de organização do(a)s trabalhadore(a)s existentes no Brasil. Todos os matizes de impactos ambientais, qualquer que seja o motivo, criam problemas e submetem os trabalhadores à ordem máxima de exploração/subordinação, para atender aos imperativos da acumulação ampliada de capital, chamando-nos às pesquisas.

O diálogo que substancia e fortalece a RCP se faz todos os dias. Ele se constrói e se refaz permanentemente, sendo importante aprender com esse movimento de entrada de novos pesquisadores, com atenção especial aos esforços teóricos e metodológicos da

Geografia do Trabalho, que comparecem nos nossos núcleos, em função das pesquisas desenvolvidas.

O envolvimento de pesquisadores (sejam estudantes, sejam professores) no CEGeT, na participação em projetos, eventos e ações de extensão, tem demonstrado o papel ativo da Geografia do trabalho nos referenciais teóricos e políticos de cada um, o que preferimos denominar como *formação continuada*. Em termos práticos, seria o mesmo que dizer que há um conjunto de resultados intercambiados, os quais acontecem e se desenrolam, no âmbito da RCP, entretanto, ultrapassam sobremaneira os territórios a que, de certo modo, se restringem nossas ações mais diretas.

Na escala global da reestruturação produtiva do capital e das mutações no mundo do trabalho, buscamos proceder aos vínculos teórico-metodológicos que nos têm permitido situar a precarização e a precariedade do trabalho expressas, por exemplo, na imposição de riscos e agravos à saúde dos trabalhadores, no campo e na cidade; na modernização/tecnificação do território; na consolidação das monoculturas voltadas para a exportação, as *commodities*, como temos chamado, em sentido mais geral, o agrohidronegócio e os impactos socioambientais.

Analogamente se colocam a produção camponesa/trabalho familiar, a sociobiodiversidade presente nos diferentes domínios paisagísticos, as políticas públicas de desenvolvimento rural e planejamento ambiental, a incorporação dos territórios, por exemplo, cerradeiros, ao capital agroindustrial, mínero-químico e financeiro mundializado. É necessário enfatizar a pluralidade de manifestações das formas de externalização do trabalho, para além do assalariamento, que se imbricam e estão envoltas no movimento contínuo de plasticidade, revelando-se para nós com identidades próprias, sentidos, conteúdos políticos que ultrapassam as marcas da divisão territorial das searas sindicais e nos impõem rupturas teóricas de grande magnitude, a fim de que possamos situar essa complexa malha de inter-relações no movimento territorial de classe da classe trabalhadora. É como se nos oferecessem o tecido social do trabalho, para deciframos os conteúdos territoriais das formas de exploração, expropriação, subordinação/subsunção dos trabalhadores da terra, (re)criação do campesinato e construção das (re)existências; os movimentos sociais em luta pelo acesso à terra e à água, por reforma agrária, para manter-se na terra - como os posseiros, quilombolas, indígenas -, por direitos, pela água e por cidadania; e, ainda, as experiências/estratégias agroecológicas como alternativa às formas de

uso e exploração da terra voltadas para obtenção de lucros; a valorização dos saberes-fazeres camponeses na lida com o solo, com a água, com as sementes crioulas, com as plantas, com os animais etc.

Enfim, tudo isso nos envolve nos nossos projetos de pesquisa que, diga-se, não se circunscrevem somente à conformação de pesquisa. O que queremos dizer é que temos portas de entrada nos diversos assuntos a respeito das condições de vida e de trabalho dos povos originários, camponeses, faxinalenses, quilombolas, quebradeiras de coco, ribeirinhos, comunidades de fundo e fecho de pasto etc., igualmente via projetos de extensão. Esse é um ganho diferencial a favor da RCP.

Desde os resultados esperados que vinculam processos de trabalho e produção de alimentos, a indissociabilidade da Reforma Agrária e Urbana como Soberania Alimentar, até as ações em nível popular ou manifestações de rua, contra o Golpe de 2016, Fora Temer!, Ele Não!, Fora Bolsonaro!, nesses pequenos municípios do país, de difícil mobilização, se tornam possíveis, porque as pessoas se propõem inteirar-se por completo dos propósitos assumidos pelo grupo de extensionistas. Estamos conseguindo resultados muito satisfatórios, e a maior parcela desse sucesso deve ser debitada às metodologias de investigação/ação participativa, as quais pressupõem a construção de novos saberes - e não somente os que o grupo se propõe disponibilizar, inicialmente - fundamentados no diálogo, nas relações de confiança, que são a chave da entrega e da troca de conhecimentos de naturezas distintas, porém, complementares, ou seja, científicos e populares.

A quebra ou a ruptura dos preconceitos e dos *apriorismos* que tanto nos engessam e nos coíbem e obliteram, quando procuramos enxergar a sociedade em movimento, demandando, ocupando ministérios, secretarias de Estado, reivindicando escolas, hospitais, alimentos, terra, acesso à água, contra a burguesia, na escala local, que seja, nacional etc., é o que nos mantém *amassando barro*.

A multiplicidade de temas, coesionados a partir de objetivos e de procedimentos metodológicos comuns e compreendidos com base nas tramas espaciais urdidas, porém, não exclusivas no âmbito da relação capital x trabalho, inscreve na pauta das reflexões geográficas as pesquisas e as atividades de extensão e cultura, a fim de que possamos fazer do trabalho e da classe trabalhadora temas vivos, nas investigações no âmbito da Geografia.

É fato que, enquanto categoria, o espaço tem sido valorizado e reafirmado na Filosofia e nas ciências humanas e sociais, em geral, desde os anos 1960, em contraposição

à epistemologia essencialmente temporal até então vigente (SOJA, 1993; SMITH, 2000). Pelo mesmo caminho, a preocupação com o espaço, em suas diferentes expressões conceituais (território, lugar, paisagem, região, rede etc.), atingiu os estudos do trabalho, em áreas consolidadas como a Sociologia do Trabalho e a História Social do Trabalho⁶.

Não obstante, segundo Perpetua (2016), uma das principais contribuições dos geógrafos para os estudos do trabalho tem sido a recusa ao entendimento linear e homogeneizante da história e da luta de classes, dado o ângulo analítico essencialmente espacial inerente à Geografia, que implica o reconhecimento da diversidade de metabolismos sociais, regimes de acumulação e padrões de desenvolvimento distintos e, com isso, da coexistência conflituosa de territórios/territorialidades e tempos históricos/temporalidades em disputa, no interior da totalidade social. Daí, conforme o mesmo autor, “[...] a aproximação e o diálogo com os *sujeitos do trabalho*, buscando assumir sua situação concreta como ponto de partida e valorizando suas experiências e formas cotidianas de resistência face à lógica incontrolável e destrutiva da acumulação.” (PERPETUA, 2016, p. 40, grifos nossos).

O estudo minucioso e sistemático de 23 teses de doutorado⁷ permitiu que Heck (2017) identificasse duas outras características marcantes, em relação ao método e às metodologias empregadas pelo grupo. A primeira é a centralidade do trabalho de campo, tradicional instrumento dos geógrafos, vinculando procedimentos de cunho qualitativo e quantitativo na coleta de dados e produção de informações e buscando sempre construir os trabalhos acadêmicos em interlocução com os sujeitos sociais e suas organizações coletivas (movimentos sociais, sindicatos, associações). A segunda, não menos importante, é a adoção do materialismo dialético para a “leitura” geográfica do trabalho, sob forte influência *lukacsiana*.

Por tudo isso, uma das tarefas que estão na ordem do dia da Geografia do trabalho é promover o encontro de saberes, oportunizando diálogo efetivo, pelas ações construídas com os trabalhadores, povos originários, comunidades tradicionais, populações atingidas pela expansão do agrohidronegócio, por barragens, mineração e/ou grandes

⁶ Vejam-se, entre outros, os trabalhos de Savage (2011) e Von der Linden (2009).

⁷ Naquele momento da pesquisa, Heck (2017) se debruçou em estudar somente as teses de doutorado defendidas sob orientação do Prof. Dr. Antonio Thomaz Junior.

empreendimentos, os quais atendem em primeiro plano aos desejos e às imposições do ritmo e demandas do processo de acumulação de capital.

Atuar para além dos muros...

Vale destacar, ainda, que temos empenhado esforços significativos para a tarefa de divulgar nossas pesquisas e criar espaços de diálogo com outros pesquisadores e pesquisadoras, Grupos de Pesquisa, Coletivos de Formação etc. É importante reconhecer o papel que a *Revista Pegada Eletrônica*⁸ tem representado, na difusão dos resultados das nossas pesquisas. Atualmente, já somamos 19 volumes, em versão quadrimestral, de fluxo contínuo, constituindo a única Revista no mundo com a temática da Geografia do Trabalho. Da mesma forma, a Coleção Geografia e Trabalho no Século XXI, publicação de livros do Editorial Centelha, tem-se tornado um espaço de socialização dos resultados de pesquisa em nível de Mestrado e Doutorado defendidos no âmbito da RCP, contando com nove volumes publicados, impressos e digitais. A disponibilização da Revista, dos livros e dos outros documentos da nossa lavra têm-nos possibilitado contribuir com o debate sobre a temática do trabalho e receber críticas e sugestões acerca das nossas atividades de pesquisa e posicionamentos. Por essa via, também ocorre uma intensa troca de contribuições, quando nos são direcionadas diversas solicitações de pareceres e opiniões, a respeito de Projetos de Pesquisa.

Não somente no âmbito da pesquisa, mas também temos nos dedicado a propor atividades e intervenções em nível de ensino e de extensão. Temos o entendimento de que essas duas formas de inserção na Universidade retroalimentam nossas atividades de investigação, pois elas têm apresentado elementos concretos e fundantes para a aplicação e o desenvolvimento de pesquisas científicas e, por outro lado, têm sido uma estratégia eficaz, no sentido de dialogar e socializar os alcances das pesquisas.

Pelo ensino, destacamos nossa participação no Curso Especial de Graduação de Geografia (2007-2011), oriundo da parceria entre o Instituto de Colonização da Reforma Agrária (INCRA), através do PRONERA (Programa de Nacional de Educação na Reforma Agrária), Movimento dos Trabalhadores Atingidos por Barragens (MAB), Movimento dos

⁸ <http://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/index>

Trabalhadores Sem Teto (MTST), Escola da Família (EFA), Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF) e Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e a UNESP, que formou 46 geógrafo(a)s e professore(a)s de Geografia. Também lembramos a experiência do Curso de Especialização em Geografia “Desenvolvimento Territorial, Trabalho, Educação do Campo e Saberes Agroecológicos” (2013-2015 – Chamada CNPq/MDA-IN CRA nº 26/2012), que formou 44 professore(a)s especialistas em Geografia pela UNESP. E, ainda, a inserção de pesquisadores da RCP no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe, Curso de Pós-Graduação em Geografia, em nível de Mestrado, junto ao Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais (IPPRI/UNESP), vinculado à Cátedra UNESP/UNESCO (Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial), ambos sob a coordenação do Professor Bernardo Mançano Fernandes (FCT/UNESP). O destaque para esses projetos é o perfil de estudantes militantes de movimentos sociais que eles pretendem atingir. Nossa participação nesses três projetos tem permitido contribuir com a formação acadêmica e política, da mesma maneira como ela nos atinge, no afinamento da nossa intervenção pública e da crítica.

Nessa rica linha de ampliação de interlocução e de somatório de forças rumo ao fortalecimento das ações de pesquisas coletivas - experiência sacramentada no âmbito do CEGeT e da RCP -, também fomos prestigiados com a criação do Coletivo CETAS de Pesquisadores, em 2013. O Centro de Estudos do Trabalho, Ambiente e Saúde (CETAS) recebe, desde os primeiros dias, energias que estavam represadas em flancos distintos, ou seja, no trabalho, a mim reservado, o ambiente, ao professor Antonio Cezar Leal, e na saúde, ao professor Raul Borges Guimarães. Soubemos juntar nossas energias encimadas nos Grupos de Pesquisa que coordenávamos, respectivamente o CEGeT, o GADIS e o BIOGEOS, e com isso romper as linhas que nos separavam, assumindo o desafio de escrever e aprovar um Projeto Temático/FAPESP, ainda em curso (2013-2019), o qual deu suporte acadêmico para a criação do CETAS, que tenho a honra de coordenar.

É importante lembrar que, atualmente, o CETAS é composto por 45 pesquisadores, brasileiros, *unespianos*, com ênfase para o Departamento de Geografia/FCT/UNESP, e tantas outras Universidades brasileiras e do exterior, Grupos de Pesquisa, Laboratórios, contando ainda com a expressiva presença de

pesquisadores/bolsistas que compõem as diferentes fases da formação acadêmico-universitária: Iniciação Científica, Mestrado, Doutorado, Pós-Doutorado.

Pela extensão, diversas iniciativas têm sido criadas e outras já consolidadas merecem destaque. O Projeto Cestas Agroecológicas e Solidárias “Raízes do Pontal”, por exemplo, tem o objetivo é contribuir com estratégias de comercialização de alimentos agroecológicos protagonizados pelo MST, no Assentamento Gleba XV de Novembro, em Rosana/SP. Esta tem sido uma alternativa para a complementação de renda das famílias camponesas e, ao mesmo tempo, um modo de trazer para dentro da Universidade a oportunidade de abordar temas sobre agroecologia, luta pela terra, movimentos sociais, conflitos territoriais, soberania alimentar, produção de alimentos sem agrotóxicos e tantos outros⁹.

Soma-se a essa linha de atuação o Centro de Memória, Documentação e Hemeroteca Sindical “Florestan Fernandes” (CEMOSi)¹⁰, que teve suas atividades iniciadas em novembro de 1997, com o intuito de recolher, organizar, catalogar e principalmente disponibilizar seu acervo documental referente à temática sindical, operária, organizações sociais populares e àquilo que tange ao mundo do trabalho e aos trabalhadores. Outra frente de atuação do CEMOSi é a produção de videodocumentários e *clips* fundamentados nas ações de pesquisa, porém, junto à comunidade acadêmica, à comunidade local e regional e aos trabalhadores envolvidos em diferentes conflitos, como a luta pela terra e pela água (acampados e assentados), trabalhadores migrantes, condições de vida de trabalhadores, entre outros, sobretudo na região do Pontal do Paranapanema. Manter o acervo organizado e disponibilizado para a comunidade, em geral, garante o conhecimento e o entendimento do passado e possibilita a compreensão da realidade, que, em nosso universo, está acerca da esquerda brasileira, da classe trabalhadora e dos movimentos sociais da segunda metade do século XX e início do século XXI.

O *blog* do Observatório do Trabalho István Mészáros (OTIM)¹¹ é uma iniciativa da RCP, cujo objetivo é levar até o público interessado os resultados das pesquisas e as questões discutidas no âmbito dos CEGeT e grupos de estudos/leituras, com destaque para os principais acontecimentos relacionados ao mundo do trabalho e aos seus sujeitos,

⁹ Cf. Rabello, Silva e Negrão (2019).

¹⁰ <http://www.fct.unesp.br/#!/pesquisa/ceмосi/acervo/>

¹¹ <http://otim.fct.unesp.br/>

por meio de postagens diretas realizadas por um grupo de colaboradores espalhados em diversos pontos do país. A homenagem ao filósofo húngaro, um dos mais importantes intelectuais marxistas da atualidade, deve-se ao fato de ele ser uma importante referência para as pesquisas dos *cegeteiros*, mas, igualmente (e sobretudo), tem a intenção de simbolizar a opção pelo pensamento radical e crítico, diante da realidade posta e dos claros ataques às conquistas dos trabalhadores e trabalhadoras, tanto por aqui como no mundo.

Considerações Finais

Não há como pensar em movimento metabólico do capital, sem considerarmos o tempo e o espaço, ou o caráter histórico e a estrutura qualificada das relações, interações fundantes da relação homem-meio e homem-homem. Em síntese, trata-se da sociedade geograficamente posta, em cuja base o trabalho (e suas múltiplas relações) reconstrói esse processo dialeticamente e nos possibilita enxergar a relações de propriedade, de poder, portanto, a própria organização da sociedade pela base. Os desafios existentes nos motivam a continuar propondo atividades de pesquisa, ensino e extensão, reconhecendo que há dificuldades para entender o que está se passando no âmbito do trabalho e no interior da classe trabalhadora.

É desse modo que, com a formação e pela militância em Geografia e suas vinculações com a temática do trabalho, sempre comprometidos com a superação dos imperativos da sociedade do capital e a recusa à neutralidade, através da Rede CEGeT de Pesquisadores, estamos conseguindo conduzir nossas pesquisas muito ao sabor do que gostamos de fazer, ou da maneira que imaginamos contribuir para a Geografia do Trabalho.

Assim, é importante colecionar esses resultados e a eles sabermos dar continuidade, refletindo sobre o quanto se faz necessário conhecer as realidades dos trabalhadores, suas demandas, seus sofrimentos, porque as materialidades se fundem com muita autonomia com as subjetividades e, por conta disso, tem-se a petrificação dos conceitos e dos *apriorismos* aos quais tanto nos opomos, porém, estes só são argumentos possíveis porque estamos nas ruas. Pensando sobre o que está acontecendo, motivados pelos problemas concretos, estamos vivenciando essa nova ordem de preconceitos nutridos pelas frações mais retrógradas da burguesia (não somente – daí os efeitos nefastos da

ideologia dominante) que não se contém, sendo mais explícitos e, seguindo a orientação do velho mestre Francisco de Oliveira, um verdadeiro "ódio de classe". Enfim, poderíamos parafrasear a boa máxima “um espectro ronda o Brasil”, entretanto, de forma invertida, pois não é, obviamente, o comunismo, senão a aversão à classe dos trabalhadores, aos pobres, aos pretos, às mulheres, aos LGBTs deste país.

Sem dúvida, as transformações do mundo do trabalho e arranjos de poder correspondentes colocam novos desafios para a Geografia do trabalho e seus adeptos, na luta por um Brasil e um mundo mais justo, plural, emancipado do capital, onde sejamos *socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres*, isso para me manter na interlocução com Rosa Luxemburgo, a quem rendo minhas homenagens.

Referências

HECK, F. M. Método, metodologia e sujeito na “leitura” Geográfica do Trabalho no século XXI. **Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas educacionais**, v. 6, n. 2, p. 269-306, ago./dez., 2017.

HEROD, A. O conhecimento geográfico sobre os trabalhadores: reflexões sobre as pesquisas nos Estados Unidos e Brasil. **Pegada – A revista da Geografia do Trabalho**, n. 15, edição especial, p. 1-43, 2013.

MOREIRA, R. Teses para uma Geografia do trabalho. **Ciência Geográfica**, Bauru, Ano 8, v. 2, n. 22, maio/ago. 2002.

PERPETUA, G. M. Encruzilhadas teórico-político-metodológicas nos estudos do trabalho: um diálogo entre a Sociologia do Trabalho, a História Social do Trabalho e a Geografia do Trabalho. **Pegada – A revista da Geografia do Trabalho**, v. 17 n.1, p. 28-46, jul. 2016.

QUAINI, M. **Marxismo e geografia**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979.

RABELLO, D.; SILVA, L. S.; NEGRÃO, G. C. P. Estratégias de reprodução do campesinato na região do Pontal do Paranapanema (SP): o caso da comercialização das Cestas Agroecológicas e Solidárias “Raízes do Pontal”. **Revista Pegada Eletrônica** (no prelo).

SMITH, N. Contornos de uma política espacializada: veículo dos sem teto e a construção da escala geográfica. In: ARANTES, A. (Org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000.

SOJA, E. W. **Geografias pós-modernas: a reinserção do espaço na teoria social crítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

THOMAZ JUNIOR, A. **Dinâmica geográfica do trabalho no século XXI** (Limites explicativos, autocrítica e desafios teóricos). 2009, 997p. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2009.

THOMAZ JUNIOR, A. Degradação Sistêmica do Trabalho no Agrohidronegócio. **Mercator**, Fortaleza, v. 16, p.1-20, 2017a. Disponível: <<http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/2082>>. Acesso em: 26 nov. 2017.

THOMAZ JUNIOR, A. O trabalho me impõe desafios renovados e me ocupa à autocrítica de uma obra inacabada. In: **Tese para concurso de Professor Titular**, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2017b (mimeo).

THOMAZ JUNIOR, A. Geografia do Trabalho por Inteiro. **Pegada**, Presidente Prudente, v. 19, n. 2, p. 6-56, 2018a. Disponível em: <http://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/6000>. Acesso em: 05 mar. 2019.

THOMAZ JUNIOR, A. Movimento Territorial do Trabalho e Desterreação do Sujeito/Classe. In: **Geografia e Trabalho no século XXI**. Presidente Prudente: Centelha, 2018b. p.32-54 Disponível em: [http://ceget.fct.unesp.br/assets/site/pdf/Ebook_Geografia_e_Trabalho_no_S%C3%A9culo_XXI_Vol9_Especial_\(1\).pdf](http://ceget.fct.unesp.br/assets/site/pdf/Ebook_Geografia_e_Trabalho_no_S%C3%A9culo_XXI_Vol9_Especial_(1).pdf). Acesso em: 05 mar. 2019.

THOMAZ JUNIOR, A. **Os novos territórios da degradação sistêmica do trabalho**. (Em tempos de desproteção e inclusão marginal institucionalizada). Presidente Prudente, 2019. (mimeo.)

Submetido em: Março de 2019.

Aceito em: Maio de 2019.